

homens gays efeminados fazem o inverso. Há, nesse caso, mais do que um atravessamento associado à orientação sexual: interessa a construção do que é ser *masculino* e ser *feminino*. Vale dizer: nem todo homem é igual, nem todo homem gay é igual, e essas diferenças se expressam inclusive na linguagem.

Esses resultados nos levam a uma pergunta essencial e ainda anterior a *o que significa ser homem/mulher nessa comunidade?* Na verdade, há um dado importante quando começamos a falar de linguagem humana: por que falamos de homens e mulheres apenas? Na nossa sociedade, a discussão está para além da ideia tradicional de gênero feminino e masculino, que entende gênero como equivalente a sexo biológico. Ou seja, a discussão hoje é sobre “identidade de gênero”, e, também, sobre orientação sexual. Por que isso é importante? Porque os seres humanos não se reduzem ao gênero masculino e feminino na visão tradicional **10**, logo a linguagem estudada apenas a partir desse parâmetro, muitas vezes, não traduz a realidade. Esse é mais um fator a ser considerado ao pensarmos em diferenças linguísticas e na complexidade das comunidades estudadas.

O tema é amplo e pode ser estudado por vários vieses, como pudemos ver acima. Neste capítulo, buscamos afirmar, retomando alguns estudos linguísticos, que, no âmbito da linguagem, uma resposta simples como “ele fala assim porque é homem/ela fala assim porque é mulher” jamais se sustentaria. Além da questão sobre a identidade de gênero, temos profissões e ocupações, temos diferentes níveis de escolaridade, somos de diferentes classes sociais, diferentes culturas, construímos e fazemos parte de muitas categorias que, além de gênero, determinam nossas formas de falar. E isso torna difícil encontrar uma diferença no uso da linguagem que se deva exclusivamente ao gênero. Em resumo, nossas construções de gênero impactam nossos modos de falar, mas não de maneira suprema ou isolada, nem sempre da mesma forma ou com a mesma motivação, de forma que não poderíamos fazer uma afirmação universal do tipo “as mulheres falam diferente dos homens”. Em nosso trânsito social e em nossas trocas linguísticas, estamos sempre construindo estilos de diferentes maneiras, mobilizando diferentes estratégias e utilizando diferentes recursos, inclusive linguísticos. A todo momento, nós estamos atribuindo e (re)construindo os significados sociais das nossas formas de falar **10**.

COMO SURTIU A LINGUAGEM?

VITOR A. NÓBREGA

Universidade de São Paulo

Uma das questões que segue povoando nosso imaginário tem a ver com a origem da linguagem e com o surgimento da primeira língua. A busca por um entendimento acerca de como desenvolvemos uma competência linguística gera, há milênios, muita atenção, especulação e debates acirrados. O fascínio recorrente envolvendo essa questão não é injustificado: a linguagem constitui uma das habilidades que distingue nossa espécie das demais espécies animais. Logo, explicar como essa competência emergiu e de que modo ela foi concretizada em uma língua nos leva a remontar um dos principais eventos acerca de como nos tornamos — cognitiva e comportamentalmente — humanos.

Dos filósofos gregos da Antiguidade às reflexões cristãs da Idade Média e do Renascimento, passando pelos filósofos do Iluminismo e chegando a Charles Darwin, percebemos que o interesse em desvendar como a linguagem emergiu não perdeu força, muito embora a questão tenha sido remodelada e redimensionada de acordo com os interesses de cada época. Hoje, para abordar a questão deste capítulo, é preciso considerar duas concepções vinculadas à ideia de “surgimento da linguagem”, a saber:

Concepção #1, de caráter histórico, *Surgimento da linguagem* como a reconstrução da história das línguas e de sua fonte (ou fontes) primária(s);

Concepção #2, de caráter biológico, *Surgimento da linguagem* como a reconstrução das bases biológicas da faculdade da linguagem, isto é, da competência que nos permite adquirir, produzir e compreender uma ou mais línguas.

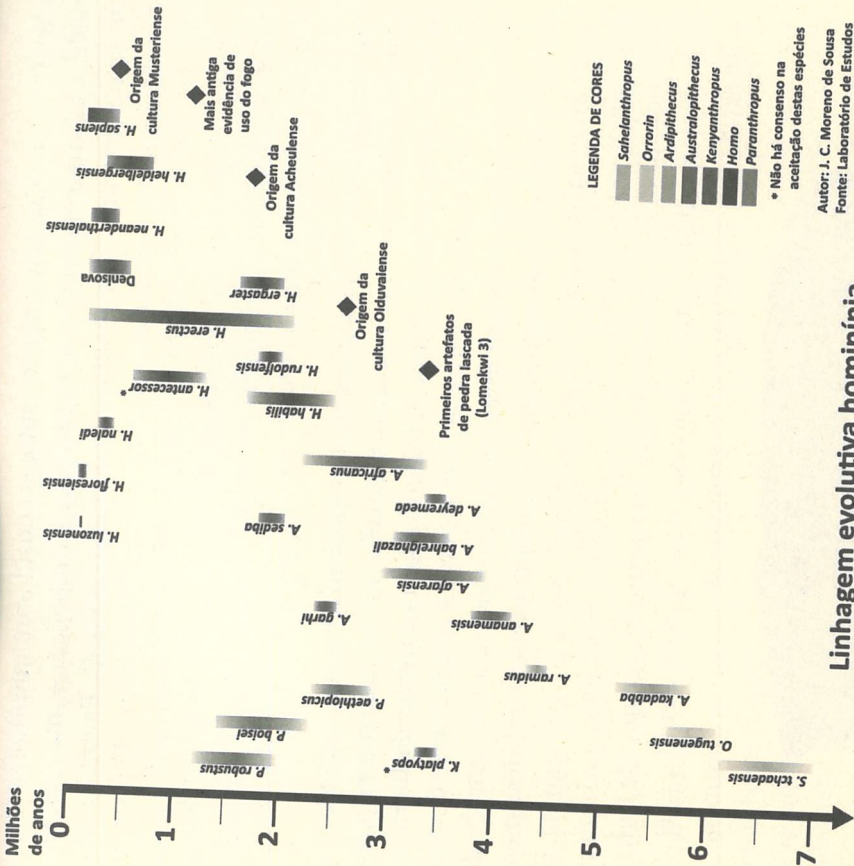
Antes de nos ocupar do tema, é importante destacar que as investigações envolvendo essas duas concepções esbarram em um obstáculo: a ausência de evidências diretas. Os eventos pré-históricos associados ao surgimento da linguagem e da primeira língua não deixaram material empírico capaz de propiciar uma reconstrução objetiva. Afinal, as línguas não se fossilizam. Sendo assim, apresento não uma resposta — até porque não a temos —, mas um estado da arte acerca do percurso da questão ao longo dos anos e das estratégias utilizadas contemporaneamente para mitigar a carência de evidências.

Ao observar a progressão do tema na história, notamos que, até o Renascimento, essas duas concepções se encontravam unidas. Acreditava-se

que a atribuição de uma língua aos humanos, por intervenção divina, teria lhes conferido igualmente uma faculdade da linguagem, ou seja, a capacidade de desenvolver uma língua ❶. Por vários séculos, a principal hipótese foi a de que as línguas do mundo decorreriam dessa língua ancestral. Muitos apostaram no hebraico como a “mãe” das línguas, por ser a língua em que foi escrito o livro do Gênesis. Alguns apostaram no grego e no latim. Outros, no árabe e no chinês. O mistério levou monarcas a recorrerem a expedientes cruéis para solucionar o impasse. Há relatos de que bebês foram isolados em ambientes privados de interação social na expectativa de que sua produção linguística indicasse a natureza da primeira língua — experimento fadado ao absoluto fracasso, como bem sabemos ❷.

Com o Iluminismo, a assunção de uma procedência divina e monogenética passou a dividir espaço com hipóteses que admitiam uma origem descentralizada — poligenética — para as diferentes famílias linguísticas, nomeadamente, as famílias indo-europeia, afro-asiática, altaica etc. ❸. A ausência de evidências que sinalizassem a identidade e o número de línguas ancestrais gerou um cenário de grande especulação, que acabou levando a Sociedade Linguística de Paris, em 1866, a banir todo tipo de discussão sobre o assunto. Paralelamente a essa proibição, vemos, pela primeira vez, um desmembramento explícito das duas concepções sobre o surgimento da linguagem. Isso pode ser creditado, em grande medida, aos trabalhos de Charles Darwin, que, ao explorar a evolução da cognição, destacou a necessidade de se distinguir o que vem a ser (i) a formação e aprendizagem de uma língua — a primeira concepção — do (ii) desenvolvimento de uma competência linguística — a segunda concepção.

Interessado nesta última, Darwin argumentava que, apesar de uma faculdade da linguagem corresponder a uma competência (aparentemente) exclusiva ao humano, ela deveria ser analisada como produto de inúmeras graduações ocorridas ao longo de milhões de anos ❹. Ao contrastar dados observacionais, Darwin sugeria que a emergência de uma faculdade da linguagem remontaria aos primeiros pássaros canoros e seria resultado da seleção de cantos elaborados. De acordo com sua conjectura, nossos ancestrais teriam produzido inicialmente cadências de sons melodicamente articulados. Essas sequências melódicas seriam utilizadas, em princípio, para cortejar um parceiro ou



Linhagem evolutiva hominínia

Figura 1: Distribuição da linhagem hominínia ao longo do tempo (fonte: imagem produzida pelo Dr. João Carlos Moreno de Sousa e cedida por cortesia ao autor; Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos — Instituto de Biociências — USP).

Em decorrência das limitações do método comparativo, pesquisadores de diversas disciplinas passaram a recorrer a evidências indiretas, extraídas de fenômenos sobre os quais temos observação empírica. Por exemplo, arqueólogos e paleoantropólogos vêm buscando, no registro arqueológico de diferentes espécies hominínias, vestígios de um comportamento mediado simbolicamente, a partir do qual seria possível determinar a disponibilidade de capacidade linguística. A arqueologia e a paleoantropologia, bem como outras áreas, recorrem à conjectura de que o comportamento simbólico e a linguagem estão intimamente conectados. Disso se segue que a produção de uma cultura material simbólica serviria como indício para a disponibilidade de uma competência linguística, pois, do contrário, não seria possível atribuir significado(s)

expressar certo estado emocional. Gradativamente, elas teriam, então, sido decompostas em palavras e empregadas na formação de sentenças. A hipótese musical de Darwin colocava de lado a suposição de que o surgimento da linguagem corresponderia a um evento abrupto, como idealizado inicialmente. Ainda, ao ampliar o horizonte de retrospectão, Darwin sinalizava que o recorte temporal admitido pelos primeiros pensadores era extremamente restrito. Línguas como o hebraico, o latim e o chinês — embora antigas — são muito mais recentes do que o momento em que o primeiro indivíduo surge como linguisticamente competente. Dessa forma, não seria razoável supor que essas línguas corresponderiam à(s) primeira(s) forma(s) de expressão linguística humana.

A contribuição de Darwin apontava também que, para avaliar a segunda concepção, seria preciso considerar o modo como a espécie emergiu e de que maneira suas faculdades cognitivas foram constituídas. Esse último tópico desafiava o exclusivismo humano com relação à linguagem, assunto que ganhou proeminência quando outras espécies hominínias começaram a aparecer no registro fóssil, em especial, o *Homo neanderthalensis* e o *Homo erectus*. Na figura 1, na página a seguir, forneço uma representação da distribuição evolutiva da linhagem hominínia, a fim de os leitores poderem reconhecer as relações e a proximidade entre as diferentes espécies.

Após os trabalhos de Darwin, a primeira concepção tornou-se um tema marginal. E, embora a segunda concepção tenha obtido centralidade, permanecia a necessidade de superar as barreiras impostas pela ausência de evidências. Uma das primeiras estratégias para atenuar seus efeitos foi o uso dos métodos de reconstrução de línguas extintas desenvolvidos pela linguística histórica. O método comparativo, por exemplo, possibilitaria a apuração de evidências diretas acerca de quais ramos linguísticos seriam mais primitivos e de quando, possivelmente, uma capacidade linguística teria aparecido. Esse cenário, porém, ainda estava permeado de limitações. O método comparativo retrocede apenas 8.000-10.000 anos no tempo 5. Se considerarmos a emergência do humano moderno, ou seja, do *Homo sapiens*, como ponto de partida, estamos em um momento da pré-história alocado há 200.000-300.000 anos 6. Isso deixa no escuro uma grande lacuna temporal em que eventos cruciais acerca do surgimento da linguagem teriam se desenrolado.

a artefatos ou atividades. Muitos autores consideram que as primeiras evidências arqueológicas — sugestivamente simbólicas — mais robustas se concentram entre 80.000-120.000 anos atrás ❸. Exemplos são inscrições geométricas feitas em placas de ocre e em cascas de ovos de avestruz, uso de pigmentação, conchas perfuradas que serviriam para a ornamentação corporal, a produção de instrumentos musicais, entre outros. A datação desses registros permitiria, em tese, identificar quando e em qual espécie uma faculdade da linguagem teria surgido.

Um dos artefatos arqueológicos mais representativos para sinalizar a disponibilidade de comportamento mediado simbolicamente é a placa de ocre reproduzida na figura 2, encontrada na caverna de Blombos (África do Sul) e que data cerca de 73.000 anos. A reconstrução de suas linhas nos indica que a produção da imagem gravada não ocorreu de maneira aleatória, mas seguiu uma cronologia particular: inicialmente, foram inscritas linhas oblíquas para a esquerda (/); em seguida, linhas oblíquas para a direita (\), e, finalmente, três linhas horizontais (—), enquadrando o cruzamento dos dois primeiros grupos de linhas. Essa sequencialidade parece expressar uma ação deliberada, cujo intuito seria representar um motivo geométrico.

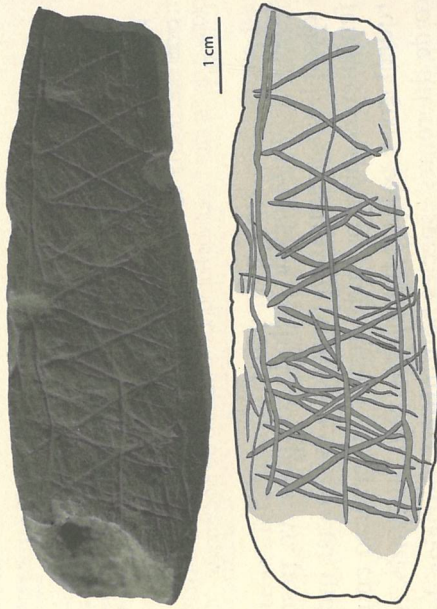


Figura 2: Placa de ocre com inscrições geométricas encontrada na caverna de Blombos (África do Sul), ~73.000 anos (fonte: C. Henshilwood; F. d'Érico; I. Watts, 2009. *Journal of Human Evolution* ❹. Imagem cedida por cortesia ao autor pelo Prof. Dr. Francesco d'Érico, Universidade de Bordeaux/CNRS. Fotografia: d'Érico-Henshilwood).

Evidências indiretas também têm sido utilizadas para esclarecer o modo como a faculdade da linguagem pode ter emergido. O objetivo, nesse caso, é reconstruir os supostos estágios pelos quais passaram as

primeiras manifestações linguísticas humanas, isto é, as primeiras formas de uma língua, comumente rotuladas de “protolinguagem” ❶. Os fenômenos mais explorados são os seguintes:

- O comportamento vocal de primatas não humanos e de outras espécies de animais não humanos;
- Os *pidgins* (línguas restritas em vocabulário e estrutura, circunscritas a situações de contato);
- Os sinais caseiros (sinais utilizados por crianças surdas para se comunicar com pais ouvintes não sinalizantes);
- O manhês (registro melódico utilizado para se comunicar com bebês);
- Os estágios da aquisição de primeira e de segunda língua;
- A produção linguística de afásicos e
- Estruturas linguísticas aparentemente simples, tais como palavras compostas (por exemplo, *sahva-vidas* e *trem-bala*).

Partindo do pressuposto de que as primeiras expressões linguísticas eram estruturalmente rudimentares, pesquisadores de diversas áreas assumem que esse conjunto diversificado de fenômenos poderia sinalizar características de como se deu a primeira interação linguística — os quatro primeiro exemplos — e de que modo ela se desenvolveu em termos combinatórios — os três últimos. Assim, ao avaliar as propriedades desses dados, seria possível inferir características dos estágios pelos quais teria passado o desenvolvimento linguístico humano. É importante destacar que a assunção de estágios com graus variados de complexidade não é um ponto pacífico. Para uma ala de investigadores, a complexidade observada contemporaneamente na linguagem humana estaria disponível desde seu surgimento, especialmente suas propriedades combinatórias ❶.

Após essa breve exposição, o leitor deve estar se perguntando: afinal, a investigação sobre o surgimento da linguagem é um beco sem saída? Não. Há inúmeras razões para sermos otimistas. Hipóteses como o Big Bang e a deriva continental carecem igualmente de evidências diretas, mas isso não impediu cientistas de chegarem a conclusões consistentes acerca dos processos envolvidos em seu acontecimento. O mesmo se pode esperar da questão deste capítulo. Contamos, atualmente, com um conjunto amplo de dados vindos de diferentes disciplinas — da linguística, da arqueologia, da paleoantropologia, da genética, da etologia, da psicologia, da antropologia, entre outras áreas —, que nos permite elaborar hipóteses falseáveis sobre quando, em qual espécie

e possivelmente de que modo a linguagem emergiu, bem como quais foram — e se houve — estágios iniciais.

A genética, por exemplo, vem sinalizando que o aparecimento da fala da linguagem deve ser anterior a 80.000-120.000 anos, datas dos registros arqueológicos mais representativos anteriormente mencionados **12**. A arqueologia, por sua vez, vem apontando que o *Homo heidelbergensis*, o *Homo naledi* e o *H. neanderthalensis* produziram artefatos aparentemente simbólicos, os quais, de acordo com a correlação hipotética entre cultura material simbólica e linguagem, nos sugerem que essas espécies homínias também seriam dotadas de alguma forma de competência linguística. Avanços na descrição dos sistemas de vocalização de alerta de primatas não humanos nos dão pistas de como seria o comportamento vocal de nosso último ancestral comum com primatas não humanos, e de como poderíamos ter nos desenvolvido linguisticamente **13**. Trabalhos comparativos entre as propriedades da linguagem humana e o comportamento vocal animal nos informam quais seriam as inovações cognitivas que promoveram a emergência de uma faculdade da linguagem em nossa espécie **14**. Há muitas informações relevantes sendo produzidas contemporaneamente, e as expectativas de que chegaremos a hipóteses razoáveis para responder a questão deste capítulo são altas.

Vale destacar, por fim, que a problemática envolvendo o surgimento da primeira língua, atrelada à primeira concepção apresentada no início deste capítulo, foi recentemente reavivada. Descobertas acerca da genética das populações humanas revelou paralelos bastante curiosos entre a distribuição desses grupos populacionais e a distribuição das famílias linguísticas **15**, reanimando o interesse acerca da origem das línguas, isto é, se elas derivam de uma única língua ancestral — a visão monogenética — ou se as famílias linguísticas derivam cada uma de uma língua ancestral diferente — a visão poligenética.

O surgimento da linguagem é uma das questões mais desafiadoras do nosso tempo, e a busca por uma resposta sobre os processos envolvidos nesse evento demanda muita colaboração interdisciplinar. Essa é também uma das questões mais interessantes da ciência moderna, pois trata de um tema fundamental para se compreender a história evolutiva da nossa espécie e quem somos. Você está convidada(o) a participar dessa empreitada.

O QUE SABEMOS SOBRE A LINGUAGEM?

- 1 MEILLET, A. *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*. Paris: Hachette, 1915.
- 2 SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Trad.: C. A. L. Salum e A. L. Franco. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 128.
- 3 BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Trad.: M. G. Novak e M. L. Neri. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988, p. 285.
- 4 BERGOUNIUX, G. L'origine du langage: mythes et théories. In: HOMBERT, J.-M. *Aux origines des langues*. Paris: Fayard, 2005.
- 5 SANTOS, E. N. Histórias e cosmologia indígenas no Popol vuh, livro maia-qui-ché. *Revista USP*, (125), 2020, 109-124.
- 6 YAGUELLO, M. *Les langues imaginaires. Mythes, utopies, fantasmes, chimères et fictions linguistiques*. Paris: Seuil, 2006.
- 7 CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad.: I. Barroso. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- 8 DIDEROT, D.; D'ALEMBERT, J. R. *Enciclopédia, ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*, vol. 2: O sistema dos conhecimentos; org.: P. P. Pimenta, M. G. de Souza; trad.: P. P. Pimenta, M. G. de Souza, L. F. Nascimento. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 158.

O QUE É AFASIA?

- 1 FRANÇA, A. I. Relatório de estágio doutoral contendo a transcrição de vídeos de conversas com afásicos, retiradas do acervo do Ambulatório de Afasia do Serviço de Neurologia do Hospital Universitário Antonio Pedro (HUAP) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Niterói, RJ, coordenado pelo Professor Osvaldo Nascimento, 2000 (ms).
- 2 DRONKERS, N. F. Neural Basis of Language. In: WILSON, R. A.; KEIL, F. (orgs.). *The MIT Encyclopedia of the Cognitive Sciences*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1999, p. 448-451.
- 3 CALDAS, A. C. *A herança de Franz Joseph Gall: o cérebro a serviço do comportamento humano*. Lisboa: McGraw Hill, 2000, p. 279.
- 4 TANAKA, Y.; YAMADORI, A. Pure Word Deafness Following Bilateral Lesions: A Psychophysical Analysis. *Brain*, v. 110, p. 381-403, 1987.
- 5 NADEAU, S. E.; ROTH, L. J.; CROSSON, B. *Aphasia and Language: Theory to Practice*. Nova York: Guilford, 2000.
- 6 BANICH, M. T.; COMPTON, R. J. *Cognitive Neuroscience*. Stamford: Cengage Learning, 2010, p. 238-239.
- 7 DRONKERS, N. F. BALDO, J. V. *Language: Aphasia. Encyclopedia of Neuroscience*. Cambridge, Mass.: Academic Press, 2009, p. 343-348.